



## **Mutirão Agroecológico no Acampamento Elizabeth Teixeira, Limeira- SP.** *Mutirão in the rural land occupation “Elizabeth Teixeira”.*

MOURA, Maria Clara Cruz<sup>1</sup>; TRENTTO, Luã Gabriel<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup>Laboratório de Educação e Política Ambiental - Oca/ Universidade de São Paulo,  
maria.c.moura@usp.br ; <sup>2</sup>lua.trentto@gmail.com

### **Eixo temático: Educação formal em Agroecologia**

**Resumo:** Como parte das atividades da VI Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA), foi realizada uma vivência, em forma de mutirão no acampamento “Elizabeth Teixeira”, em Limeira/SP. Facilitado pelo grupo Motyrõ , do Laboratório de Educação Ambiental e Políticas Públicas - Oca/USP, o foco foi uma reforma na escolinha da comunidade, um espaço de socialização e de afirmação da coletividade. A atividade buscou envolver os sujeitos promovendo a troca de experiências, uma ação coletiva solidária, e reflexões sobre a luta pela Reforma Agrária. A atividade foi organizada a partir das demandas da comunidade, onde foi possível realizar rodas de conversas, um café coletivo comunitário, reforma das janelas, porta, reboco da parede, pintura externa e interna, além da organização geral da escola. O mutirão se fez significativo para os envolvidos, gerou a interação e envolvimento entre múltiplas realidades sociais, promovendo a auto-reflexão, e afetividades.

**Palavras-Chave:** Troca de saberes; Universidade; Reforma agrária.

**Keywords:** Knowledge Exchange; University; Agrarian Reform.

**Abstract:** As part of the activities of the 6th University Conference to Defend Agrarian Reform (JURA), an experiment was carried out in the form of a mutirão in the rural land occupation “Elizabeth Teixeira”, in Limeira / SP. Facilitated by the Motyrõ group, from the Laboratory of Environmental Education and Public Policies - Oca / USP, the focus was a reform in the school of the community, a space of socialization and affirmation of the community. The activity sought to involve the subjects by promoting the exchange of experiences, a collective solidarity action, and reflections on the struggle for Agrarian Reform. The activity was organized based on the demands of the community, where it was possible to hold conversation wheels with a communal breakfast, renovation of the windows, door, plaster of the wall, external and internal painting and general school organization. The mutirão became significant for those involved, generated the interaction and involvement among multiple social realities, promoting self reflection and affectivities.

### **Contexto**

A Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA) foi criada por professores universitários e militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 2013, com o objetivo de fortalecer a temática “Questão Agrária” dentro da Universidade. O evento é resultado do conjunto de articulações do MST com as Universidades e entre outras organizações do campo e movimentos sociais urbanos. Atualmente são 60 Instituições de Ensino Superior (IES) que, entre os meses de abril e maio, trazem reflexões e discussões sobre a Reforma Agrária e os temas que circundam a Questão Agrária.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Neste ano, na Escola Superior “Luiz de Queiroz” (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP), o evento ocorreu entre os dias 20 e 25 de maio. Buscou, resgatar a memória sobre o massacre de Eldorado de Carajás, ocorrido em 17 de abril de 1996, resultando na morte de 19 trabalhadores Sem Terra. Contou com diversas atividades, como momentos musicais, oficinas, festa, feiras de produtos orgânicos (advindos de acampamentos e assentamentos), além das palestras com pessoas que atuam a anos nessas temáticas. O evento teve como encerramento a vivência no Acampamento Elizabeth Teixeira em Limeira/SP, facilitada pelo grupo Motyrõ, do Laboratório de Educação e Política Ambiental- Oca.

O Motyrõ é composto por 5 estudantes de graduação, 1 de pós-graduação, 1 servidor e 1 professor orientador. Criado em 2018, tem como objetivo central a promoção de ações que potencializam a construção de um Assentamento Agroecológico junto ao Acampamento Elizabeth Teixeira. Atua dentro do Laboratório Oca, o qual é voltado no desenvolvimento de processos educadores e participativos de ensino, gestão, pesquisa e extensão, a partir de intervenções e atividades que contribuam para aprimoramento do ser humano em todas suas dimensões, busca agir em prol da construção de sociedades Sustentáveis, através da formulação e implantação de políticas públicas.

O Acampamento, possui doze anos de ocupação, com uma área de 113,0638 ha, contendo cerca de 100 famílias, onde boa parte destas moram ainda sob lonas pretas, sem acesso a serviços básicos, como água e luz. Situado próximo ao Horto Florestal de Tatu, cerca de 40 km de Piracicaba/SP, surgiu em janeiro de 2007, quando foi sancionada a Lei 11.483/07, a qual extinguiu a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), destinando essas áreas da União como atividades falidas, incluindo o Horto Florestal de Tatu.

No Acampamento há a escolinha, um ambiente de socialização onde ocorre a Ciranda da Terra (espaço lúdico de cultura e educação) junto às crianças da comunidade, além de atendimentos médicos, reuniões entre os moradores e oficinas diversas, ou seja, é um lugar em que os acampados se encontram, conversam, trocam experiências e conseqüentemente auxiliam na afirmação do espírito coletivo da comunidade.

Esse espaço encontrava-se abandonado, carecendo de diversas manutenções, nesse contexto, a JURA propôs incluir dentre suas atividades uma vivência baseada em mutirão para a reforma do espaço.

### **Descrição da Experiência**

Nesses últimos anos, na ESALQ, a JURA tem trazido em sua programação uma vivência em um acampamento do MST, a fim de integrar e sensibilizar as pessoas do mundo acadêmico à esta realidade, mostrando na prática, a importância da luta pela



Reforma Agrária. Este ano, como o grupo Motyrõ estava fazendo parte da comissão organizadora da Jornada, foi proposto que a vivência ocorresse no Elizabeth Teixeira em forma de mutirão de reforma na escolinha. Uma demanda que há muito tempo vinha sendo solicitada pelos moradores, mas sem recursos suficientes para sua realização.

Neste sentido, a JURA é composta por diversas organizações, as quais se colocaram no desafio de buscar recursos para sustentar sua programação integral, e entre elas, a reforma. Dessa forma, foram feitas doações de cestas orgânicas, livros e camisetas que foram utilizadas como prêmios de uma rifa, a qual foi o principal meio de conseguir recurso, possibilitando pagar passagens, prêmios, comida para acampados, e inclusive grande parte dos materiais para a reforma da escola. O recurso para o ônibus foi apoiado pela Oca, advindo de doação de projetos que o laboratório tem executado. A metodologia da reforma ficou incumbida ao grupo Motyrõ, que buscou integrar todos os diferentes participantes da atividade: acampados, estudantes, técnicos e crianças da comunidade.

O dia começou com a apresentação de todos os presentes, estudantes, agricultores e outros grupos e ONGs que também atuam no Elizabeth Teixeira, como o CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), ONG que realiza as Cirandas da Terra, e a ITCP (Incubadora Tecnológica de Iniciativas Populares), a qual faz um trabalho de organização e distribuição de cestas orgânicas produzidas por um grupo de agricultoras do Acampamento. Em seguida os moradores contaram brevemente sobre a história do lugar e da importância do espaço, seguida de um lanche comunitário, em que cada participante levou uma comida para compor a mesa do café da manhã.

O espaço necessitava de pintura, organização interna, roçar a grama, a caixa d'água precisava ser limpa e as portas e janelas trocadas. Essas diversas atividades foram divididas em grupos, cada um focou numa demanda em especial. As crianças do acampamento tiveram um papel especial, já que o mutirão ocorreu em um sábado de manhã, horário que a escolinha é ocupada pela Ciranda da Terra. Cerca de trinta crianças se envolveram executando a pintura externa, feita com tinta ecológica de terra.

Durante o trabalho em grupo os/as agricultores/as interagiram bastante. Muitas pessoas estavam curiosas para conhecê-los/as melhor, se inteirar de outra realidade e descobrir mais sobre suas histórias e desafios, as principais questões levantadas foram: Como chegaram ali?; Como se engajaram no MST?; Como é a vida no acampamento?

O diálogo de descobertas passou pela descrição de como vivem no local (o banheiro de fossa, o banho em caneca, a ida para cidade, o preconceito no atendimento médico, etc.), a questão da água insuficiente, a produção, realizada a partir dos conhecimentos desenvolvidos empiricamente, entre outras. Em uma das conversas, um dos agricultores presentes, o coordenador regional do movimento, falou sobre a



violência sofrida na luta pela terra, deu de exemplo a desapropriação ocorrida em 2007, em que cerca de 400 famílias foram expulsas de forma violenta da terra onde estavam, tendo suas casas destruídas. Reforçaram a necessidade da afirmação da Agricultura Familiar e Agroecológica numa sociedade reinada pelo agronegócio.

A vivência teve como público alvo estudantes da Universidade além de outras pessoas interessadas em contribuir e conhecer um acampamento do MST. Para isso foram abertas inscrições online e a divulgação foi feita através das redes sociais, boletim interno do campus, jornais e posters.

## Resultados

A vivência em um acampamento do MST, em forma de mutirão, foi avaliada como de suma importância na finalização da semana da JURA, que tem como proposta a defesa da Reforma Agrária. Encerrando-se com um exemplo praxiológico de trocas e solidariedade.

Foi nítida a felicidade dos agricultores e das crianças em toda a movimentação e mudança da escolinha, local importante e presente no cotidiano da comunidade. Cada um/a pode se envolver naquilo que tinha mais aptidão, além de ter a oportunidade de aprender outras atividades, como na condução das roçadeiras, assim foi possível tornar as ações do mutirão como educadoras para todos envolvidos, especialmente para as crianças, uma vez que possibilitou a construção de uma identidade de pertencimento ao local através da transformação do espaço, pois realizaram a pintura externa com materiais ecológicos advindos da própria localidade.

O mutirão traz consigo o envolvimento das pessoas, fortalecendo as relações e incentivando a troca de saberes na construção de novos conhecimentos, podendo exercitar a multiplicidade de saberes, numa ação conjunta, afirmando o sentimento de coletividade e pertencimento. Esse tipo de ação é de grande relevância para os/as moradores/as do Acampamento, que podem se reconhecer como produtores/as de conhecimento na transformação do seu meio. Além disso se potencializa o fortalecimento da Agroecologia, uma vez que esta tem uma concepção no social, que se constrói na participação e no conjunto da diversidade (ALTIERI, 1998).

O meio acadêmico ainda é um espaço elitizado, não sendo acessível a todos da população, corroborando com a perspectiva do saber e fazer científico como símbolo do progresso macroeconômico (GOERGEN, 1998). Entretanto, como um centro de formação humana, a Universidade tem um papel primordial no incentivo do pensamento crítico, não devendo estar à mercê, somente, dos interesses de uma economia hegemônica pela desigualdade, em que grande parte da população está condenada à miséria (GEORGEN, 1998). Esta deve estimular a diversidade de saberes, tanto técnicas e científicas quanto populares, para quê, dessa forma, se possibilite a valorização e a descolonização dos conhecimentos. A vista disso, se



coloca essencial estar continuamente reforçando, no mundo acadêmico, o papel social e a importância que a Universidade tem como parte da construção de saberes populares e diversos, conectados com as demandas sociais, ambientais e culturais. O mutirão, então, se torna parte de um dos segredos da construção profunda da Agroecologia, como já dizia o agricultor e poeta Amauri:

“Somos tão cheios de coisas, mas não nos damos conta de que somos uma coisa só. Somos apenas parte do todo nesta honesta relação harmônica e sempre estamos redescobrimo o encantamento da vida, aprendendo com todos os seres a beleza da vida em mutirão, onde na troca todos ganham” (Silva, A. A., 2008, pg. 43).

### **Referências bibliográficas**

ALTIERI, M. I. A. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 3.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2001. (Síntese Universitária, 54). 1998

GOERGEN, P. Ciência, sociedade e universidade. Educ. Soc., Campinas, v. 19, n. 63, p. 53-79, Aug. 1998 Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73301998000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em junho de 2019.

SILVA, A. A. O segredo é o mutirão. Revista Agriculturas v. 5 - nº 3, setembro de 2008. Disponível em <<http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Pagina-na-Internet1.pdf>>. Acessado em maio de 2019.